

RELAÇÕES HOMOAFETIVAS ENTRE GAYS: PRAZER E SEXO A PARTIR DA SEGUNDA IDADE (35 a 59 anos).

Hugues Costa de França Ribeiro¹

AFFECTIVE AND SEXUAL RELATIONS BETWEEN GAYS: PLEASURE AND SEX APART FROM SECOND AGE (35 to 59 years).

Resumo: A pesquisa qualitativa de linha fenomenológica investigou como homens gays acima dos quarenta anos significam suas experiências afetivo-sexuais, na construção de seus mapas afetivos sexuais, seus níveis de satisfações, suas práticas amorosa, sexuais e a emergência de novos estilos de relacionamentos. Foram entrevistados trinta homens gays com idades ente 43 a 58 anos. As entrevistas foram gravadas e transcritas. Utilizou-se para a análise das entrevistas uma combinação de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004; FRANCO, 2007) e a proposta de Giorgi (1985, 1972). Foram elaboradas e analisadas as seguintes unidades de significado: a descoberta da diferença um fardo a carregar; a busca pela “tribo” e a felicidade do encontro; visibilidade ou invisibilidade um dilema a enfrentar; relacionamentos estáveis tradicionais ou um novo “estilo de vida nas relações”? Nas considerações finais discutem-se as dificuldades e novas possibilidades na construção dos mapas afetivo-sexuais por esses homens.

Palavras-chave: Gay. Relacionamentos afetivo-sexuais. Homossexualidade. Homens maduros.

Abstract: A qualitative phenomenological research investigated how gay men over forty years mean their sexual experiences in the construction of their sexual love maps, their levels of satisfaction, their practices love, sex and the emergency of news styles relationships. We interviewed thirty gay men being aged 43 to 58 years. The interviews were taped and transcribed. Was used for the analysis of the interviews a combination of Content Analysis (BARDIN, 2004; FRANCO, 2007) and the proposal of Giorgi (1985, 1972). Were prepared and analyzed the following units of meaning: the discovery of the difference a burden to carry; the search for the “tribe” and the happiness of finding; visibility or invisibility to face a dilemma; traditional stable relationships or a new “style of life in the relationships”? In concluding we discuss the difficulties in the construction of affective-sexual maps for these men.

Keywords: Gay. Affective-sexual relationships. Homosexuality. Mature men.

Introdução

Iremos apresentar nessa exposição um recorte de uma pesquisa que estou realizando intitulada “Relacionamentos afetivo-sexuais entre gays acima dos quarenta anos por eles mesmos”. Homens gays com mais de quarenta anos viveram a construção de suas sexualidades imersas na fase em que a

¹ Professor Assistente Dr. da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP de Marília, SP (aposentado); Diretor Científico do Centro de Estudos e Pesquisas em Comportamento e Sexualidade – CEPCoS, São Paulo – SP; Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Sobre as Sexualidade – GPESS, UNESP de Marília – SP. E-mail: hugues@uol.com.br.

homossexualidade masculina ainda era vivida sobre forte repressão e pouca possibilidade de visibilidade (marcada pela era inicial pós Stonewall¹).

Vários pesquisadores têm insistido que apesar dos avanços verificados na diminuição da discriminação e do preconceito em relação a essas pessoas, os tempos não são tão favoráveis para que possam elaborar suas “cartografias do desejo” (expressão cunhada por Deleuze) e realizar sem a possibilidade de prejuízos em diferentes áreas a tão propalada “saída do armário” (“outing”) (FOUCAULT, 1988; ALTMAN, 1993; SEDGWICK, 1992, 2007; ERIBON, 2008).

A opressão vivida pelos gays durante a fase em que constroem seus “mapas afetivo-sexuais” repercute na maneira como elaboram seus roteiros afetivo-sexuais se quisermos usar uma expressão proposta por Gagnon e Simon (1973) e Gagnon (2006). A repressão é exercida por diferentes discursos, na tradição foucaultiana, que exortam como a única forma aceita e legítima do exercício da sexualidade a heterossexualidade (pressão para a heteronormatividade). Homens gays com quarenta anos ou mais devem apresentar algumas características na construção de “guias” (roteiros) para o exercício de suas sexualidades e de seus relacionamentos afetivo-sexuais, fruto de suas experiências e mensagens negativas interiorizadas na contemporaneidade.

Entretanto, o poder desses discursos, impulsiona uma força contrária ao enquadramento às normas, que Foucault (1988) chama de “discurso reverso”. Todos os que não se enquadram à normalização reagem contra a repressão e nessa reação podem construir “novas subjetividades”, reinventando-se (FOUCAULT, 1988, 1990; BUTLER, 2003, ERIBON, 2008), e nessa perspectiva podem reinventar seus relacionamentos. Foucault ao referir-se a subjetivação destaca que cabe a cada indivíduo e a cada grupo dar-lhe a forma que ela vai escolher (Apud. ERIBON, 2008). Foucault ao reforçar sua argumentação lógica retoma a questão de que a “ascese”, que seria o trabalho que se faz sobre si mesmo para se transformar, a invenção de si mesmo, a invenção de novos tipos de relações, de

¹ A era pós Stonewall será demarcada pelo incidente ocorrido em junho de 1969, quando no bar Stonewall, frequentado por homossexuais, na cidade de New York, os homossexuais ergueram barricadas e enfrentaram a polícia por três dias. A polícia dava batidas frequentes ao local acusando-o de foco de venda de drogas e prostituição, forma de camuflar a discriminação e o preconceito que a sociedade mantinha contra homossexuais. Esse incidente deu origem a uma maior mobilização do movimento homossexual no Ocidente, na luta contra a discriminação, o preconceito e a violência vividas sem a possibilidade de lutar contra suas categorizações como pessoas de segunda classe, que tinham de se envergonhar de sua orientação sexual assumido-a na clandestinidade e não podendo usufruir de direitos plenos de cidadania. O dia 28 de junho de 1969 marca a primeira passeata organizada pelos homossexuais em New York, como uma forma de dar visibilidade as suas existências, apontando o preconceito e a discriminação que sofriam e conclamando por seus direitos, independentemente de sua orientação sexual. Essa data é nomeada como o “Dia Mundial do Orgulho Gay”, mais tarde “Dia Mundial do Orgulho LGBT”, propondo-se que ao invés da clandestinidade e da vergonha os(as) homossexuais deveriam se orgulhar de sua condição e afirmá-la, tornando-se esse bordão um dos eixos centrais da plataforma política dos movimentos homossexuais dos anos que se seguiram ao mítico incidente de Stonewall e suas consequências.

novas formas de viver, são elementos que englobam a sua ideia de “subjetivação” (FOUCAULT, 1981). A “subjetivação” é um processo de reinvenção de si que pode romper com a sujeição a que os gays são submetidos, caracterizada pela resistência, pela atitude crítica diante dos saberes e dos poderes estabelecidos.

Em relação à homossexualidade masculina, e aí incluída as singularidades de seus relacionamentos afetivo-sexuais desde o século XIX, a partir das incursões de Proust a esse universo em “A prisioneira” e “Sodoma e Gomorra”, diversos estudos e pesquisas desvelaram os modos de existência diferenciados da homossexualidade em diferentes países, estados, regiões. No Brasil os estudos começam a ser desenvolvidos em maior número a partir dos anos 80 (Fry,1982; FRY;MacRAE,1983; GREEN, 1996(2000); TREVISAN, 1996 (2000); PARKER,1999 (2002).

Esses estudos vão destacar que a noção de homossexualidade é uma descoberta recente, e que as figuras das homossexualidades não são universais, sendo específicas de determinadas situações culturais, estando em constantes transformações pela influência de fatores sociais, econômicos e políticos. Logo nessa pesquisa a concepção teórica adotada é compreender a sexualidade, aí incluída a homossexualidade, dentro do modelo que é conhecido como Construcionismo Social, numa vertente identificada como moderada (VANCE, 1995; WEEKS, 2000).

A pesquisa

1 - Objetivos

1.1 - Geral

Desvelar como são construídos os relacionamentos afetivo-sexuais de gays com idades acima dos quarenta anos.

1.2 – Objetivos Específicos

- Desvelar como gays que mantém relacionamentos estáveis administram seus relacionamentos e as regras que colocam em prática.
- Desvelar as práticas afetivo-sexuais de gays que não mantém relações estáveis e os roteiros sexuais que colocam em prática.
- Avaliar o nível da satisfação afetivo-sexual de gays de manterem relações estáveis ou não.
- Analisar os possíveis fatores que determinam as avaliações positivas ou negativas de seus relacionamentos e relações afetivo-sexuais.

2 - Metodologia

2.1- Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujos dados foram analisados pelo método da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004; FRANCO, 2007), combinado com a proposta de Giorgi (1985, 1972) de linha fenomenológica. Apesar de a pesquisa qualitativa sugerir um número menor de colaboradores, ampliamos esse número, pois na transcrição das primeiras entrevistas (planejadas inicialmente para sete) verificamos que a classe social, a religião e nível de instrução pareciam ter grande influência sobre como os colaboradores significavam suas experiências afetivo-sexuais. Diante dessa evidência, decidiu-se ampliar o número de colaboradores de modo a incluir pessoas de diferentes classes sociais, religiões e níveis culturais.

2.2 – Colaboradores

Trinta homens gays cujas idades variaram de 43 a 58 anos, a média era de 47,5 anos, residentes na cidade de São Paulo- SP, Brasil. Dentre esse grupo catorze tinham formação superior, nove tinham concluído o ensino médio, três estavam cursando a universidade e quatro tinham concluído o ensino fundamental. As classes sociais variaram de alta, média e baixa. Quanto às religiões tivemos ateus, cristãos, evangélicos, espíritas e adeptos da umbanda e do budismo.

2.3 – Procedimentos

Os colaboradores foram recrutados através de inserções aos locais de socialização gay na cidade de São Paulo (bares, boates, shopping centres de grande frequência de gays) em diferentes regiões da cidade. Também foram recrutados pela indicação de grupos e associações que atuam na militância pela causa gay e pela técnica da “Bola de Neve”. As entrevistas foram realizadas em local estabelecido pelos entrevistados, e a maioria delas ocorreu na casa do colaborador ou em praças de alimentação de Shopping Centers.

Foi aplicada aos colaboradores uma entrevista semiestruturada, com duração aproximada de uma hora, gravada em fita magnética e depois transcrita na íntegra. O roteiro foi aprovado em pesquisa piloto. As entrevistas foram analisadas elaborando-se Unidades de Significado para a compreensão do fenômeno (GIORGI, 1985, 1972) após leitura flutuante (BARDIN, 2004; FRANCO, 2007). As entrevistas foram aplicadas a partir de 2008.

Todos os colaboradores assinaram um “termo de consentimento esclarecido” onde concordavam e participar da pesquisa com garantia de que o anonimato seria preservado, além da garantia de que poderiam desistir da participação em qualquer momento, até quando a entrevista já tivesse sido iniciada.

3 - Análises de algumas unidades de significado

Antes é preciso enfatizar que os “mapas afetivo-sexuais” (cujo significado aproxima-se do que Gagnon e Simon chamam de roteiros sexuais) são apreendidos e fruto de uma construção que depende do panorama cultural e das relações interpessoais. Esses mapas vão estabelecer nossos guias para o exercício de nossa vida afetivo-sexual (relacionamentos, prazer, sexo). Quando nos interrogamos sobre como gays acima dos quarenta anos se comportam em suas vidas afetivas e sexuais, temos que remontar, muitas vezes, a experiências muito primitivas que podem favorecer ou dificultar a construção desses guias que além de indicarem como devemos nos comportar, incorporam atitudes e aspectos emocionais.

3.1 – A descoberta da diferença: um fardo a carregar

Os entrevistados, na sua grande maioria, alegam grande sentimento de desconforto ao perceberem que eram diferentes, pois desejavam pessoas de mesmo sexo. Quase todos os colaboradores sinalizavam que essa descoberta se fizera ainda criança (entre as idades de oito a dez anos), embora tenhamos encontrado alguns que relataram a afirmação da predominância desse desejo na adolescência.

A reação e emoção associadas foram de isolamento, da sensação de ser o único a “remar contra a corrente”, de ter de viver sem poder comunicar por quem se sentia atraído, de não poder partilhar com alguém o encanto e a beleza dos corpos masculinos, de não poder comentar suas “paixonites”. Essa sensação de solidão e falta de interlocutores é o que Eribon (2008) designa como “gueto interior” que funciona como uma forma de opressão para que se possa iniciar a construção dos “mapas afetivos sexuais”. Uma espécie de aprisionamento que induziu muitos deles a iniciarem a simulação de uma vida dupla (com todos os custos emocionais que implica).

“Olha quando eu me descobri homossexual eu era criança. A idade eu nem lembro com precisão, mas... acho que foi... por volta dos sete para oito anos. Não é que eu descobri... eu sabia que tinha atração por garotos do mesmo sexo... meninos que ficavam brincando comigo. E aí quando fui ficando mais velhinho, acho que uns dez anos... enfim, dez ou doze anos... aí começou aquele negócio de toque...né? Aquele roça, roça...é assim. É mais eu não me identificava como

homossexual... era uma pessoa que se sentia diferente. Imagina com a idade que eu tenho, naquela época, na década de sessenta, no final dos sessenta, era complicado né?” Só mais tarde comecei a fantasiar escondido... vivia na fantasia minhas paixões. Lia fotonovelas e me apaixonava pelos galãs... Tudo no meu mundo secreto...sem ninguém para contar nada.... Era preciso camuflar, esconder”. (Colaborador 10)

“Foi uma vez... olhando um amigo na escola sabe? Eu fiquei querendo ficar perto dele... tocar no seu corpo. ... Ele era mais velho... Quando pensei naquilo de novo em casa, aí a ficha caiu. Você não é igual sabe? Igual a todos... os outros meninos. Eu era diferente....e isso me assustou muito...muito. Fazia muita força para esconder tudo aquilo, achava que não era normal. Foram alguns anos guardando tudo aqui dentro, até que pudesse falar dos desejos que tinha pelos outros homens”. (Colaborador 27).

3.2 – A busca pela “tribo” e a felicidade do encontro

A sensação de muitos dos entrevistados foi de poderem diminuir a sensação de isolamento e do peso do que consideravam uma característica negativa compartilhada por poucos, quando tiveram contato com os locais de socialização gay (bares, boates, festas). Declararam que a sensação de pertença a um grupo (a subcultura gay) permitiu-lhes ter a sensação que não eram os únicos e encontravam nesses locais seus iguais. Nesses espaços não necessitavam apelar para a dissimulação e para a vida dupla.

Apesar de, mais recentemente, haver uma crítica a esses locais como ambientes segregados e seu agenciamento pela sociedade de consumo capitalista; muitos dos entrevistados enfatizaram a importância desses espaços, pois na época de suas adolescências a visibilidade dada à homossexualidade não é a mesma de hoje em dia, não existindo as Paradas Gays como no final dos anos 90 e agora, além de todo um espaço na mídia escrita e televisada.

Goffman (1988) afirma que os gays costumam apresentar uma dupla biografia, que produz uma dissociação, que vai produzir personalidades dissociadas. Essa dissociação foi atestada pelos entrevistados (pelo menos em algumas áreas de sua vida), que foi se atenuando com o passar dos anos (pelo aumento da visibilidade gay), mas nunca chegou a desaparecer. A consequência dessa dissociação pela necessidade de esconder a vida gay pode conduzir ao sentimento de vergonha, até o ódio de si mesmo, o que identificamos como homofobia interiorizada, além da tentativa de afastar a suspeita, podendo manifestar-se pela atitude crítica, até hostil com outros homossexuais (ERIBON, 2008).

Esses locais também foram apontados como tendo grande influência para que pudessem aprender os códigos (gestos, roupas, linguagem, etc.) que favorecem a identificação dos iguais, além dos comportamentos afetivo-sexuais adequados. Esses comportamentos incluem os códigos de paquera,

de aproximação, as possibilidades de práticas sexuais, o exercício dessas práticas, as técnicas para maximizar os prazeres, etc.

Também foram apontados como locais que permitiam estabelecer amizades, encontrar parceiros sexuais e até encontrar parceiros para relacionamentos amorosos. Situação similar verificada entre homossexuais masculinos nos anos 70 e 80 (HALPERIN, 1990; BOSWELL, 1994, ADAM, 1995; GAGNON, 2006). Apesar disso, encontramos em poucos entrevistados um preconceito contra a frequência a alguns “espaços gays” (como discotecas), com o intuito de encontrar parceiros para relações compromissadas, com a argumentação de que seus frequentadores buscam apenas o sexo casual, e alguns os consideram promíscuos. Isso pode ser interpretado como talvez sendo um resquício de homofobia interiorizada.

Por outro lado, esses homens mais maduros defrontam-se com a perda de prestígio para serem desejados como alvo do interesse afetivo-sexual, pois nesses ambientes, são valorizadas a juventude e a aparência física como fatores que contribuem decisivamente no jogo da sedução. Aqueles com mais de cinquenta anos relutam em frequentá-los, e os que o fazem procuram locais específicos caracterizados para atender a população mais madura (classificados pelos próprios entrevistados como coroas e afins.).

Foram citados como locais que podem atender a essa clientela os conhecidos como a discoteca “ABC Bailão” e as festas “Ursond”. Esses locais com sua proposta de incrementar o lazer de homens maduros podem ser interpretados como uma resistência em não aceitar a exclusão social que pode gerar a sensação de isolamento, que a vida a partir de certa idade esta fadada a tristeza, à renúncia ao divertimento, que são alijados de situações que permitam encontrar novos parceiros ou experiências sexuais (SIMÕES, 2004, HERDT; BEELER; RAWLS, 1997; ADELMAN, 1990).

“Sabe de uma coisa....o primeiro dia em que entrei numa boate gay....nossa foi uma sensação estranha por um lado....nunca....eu tinha visto dois caras, assim... homens se beijando. Mas, foi a sensação de ter encontrado a minha turma, a minha gente. Eu não tava sozinho....nossa que alívio!. Aquele monte de gente era tudo igual a mim. Eu tinha só um amigo da vizinhança que eu sabia que era gay e logo...a gente ficou próximo. Foi ele quem me levou na boate. Lá e em conversas de bar, frequentados por gays, aprendi muito...muito. Logo fiz uma turma....onde fui aprender o que era ser gay..... Ah! Eu era uma pessoa (risos) que não sabia nadinha.. A turma e os papos foram me ensinando tudo”. (Colaborador n.7).

“[...] eu sofria prá burro, eu tinha que me equilibrar na corda bamba, sempre com medo de cair, ser pego de surpresa.... Tinha que contar histórias mentirosas para a turma de amigos da escola. Era duro, era muito falso, dizer eu acho aquela gata um tesão.... tudo mentira, já que tava sentindo um puta desejo pelo goleiro do time de futebol da escola. Mentia em casa, na escola... escondia meus desejos, meus sentimentos pelos homens. Teve um momento em que comecei a ir para lugares gays sabe? Foi quando me mudei para São Paulo... aí....acho que comecei a sentir que estava mais

inteiro. Naqueles lugares não precisa mentir, estava ali inteiro. Eu tive... eu tive (risos) de aprender tudo. Ali as coisas eram diferentes... tinha outras regras”. (Colaborador n.19).

“Eu sei que, às vezes é difícil esconder...pois tenho um jeito meio afeminado é dou pinta sem perceber...né? Mas uma coisa é as pessoas desconfiarem e outra é falar na lata: - Sou gay, ou sou homossexual.....ou viado, que é assim como o povão chama a gente. Me assumi para alguns amigos mais cabeça, mas nem todos podem saber. Como não faço a linha “gay machão” (risos), mas no trabalho se falar abertamente corro o risco de ser prejudicado. Apesar de ir nas festas da empresa sempre sozinho, tenho que deixar na dúvida..... Isso incomoda.... pois ainda tenho medo de levar um parceiro comigo”.(Colaborador n.15).

“Tem muito gay que critica.... faz comentários preconceituosos dos gays que frequentam lugares para homossexuais. Acho uma tremenda bobagem e acho uma hipocrisia esse tipo de gente entende? Eu...no meu caso foi muito bom em determinada época da vida ir a esses lugares. Lá pude conhecer gente, fazer amigos, que até hoje me acompanham. Só que passou dos quarenta vc. começa a ver a rejeição.Todo o mundo quer como parceiro gente jovem ou mais nova que ela alguns anos. Isso não era tão forte no passado como agora. Mas sabe.... eu conheci muito gente legal que eu namorei nesses lugares. Parceiros que me acompanharam por anos. E hoje a coisa tá se ampliando...vc. com mais idade pode se divertir em São Paulo, sem olhares de desaprovação indo dançar e se divertir, no “Bailão” onde funcionou o antigo “Homo Sapiens”....há oportunidades para todas as idades” (Colaborador n. 9).

3.3 – Visibilidade ou Invisibilidade um dilema a enfrentar

Muitos entrevistados aludiram ao fato que preferem as reuniões promovidas entre amigos, uma espécie de “família escolhida”. Pode-se notar que gays na faixa etária pesquisada, principalmente quando mantém uma parceria estável, disseram preferir reuniões em casa de grupos de amigos, abrindo mão da frequência a lugares voltados para a diversidade sexual. No entanto, é costume uma vez ou outra darem uma esticada em algumas discotecas de frequência GLS. A ida a bares, e restaurantes de frequência marcante gay é mais comum de acontecer, quase sempre, acompanhados de amigos, para conversar, almoçar ou jantar.

Encontramos alguns gays que por medo da visibilidade, em hipótese alguma frequentam tais locais, pois não podem correr riscos com que se desconfie de sua homossexualidade. Um dos motivos alude ao status profissional que devem preservar em função dos cargos que ocupam que, segundo eles, a visibilidade homossexual poderia prejudicar seus empregos e a carreira. No entanto, esse modo de agir é influenciado pelo nível social e financeiro dos gays entrevistados. Para gays pertencentes às classes menos favorecidas financeiramente ou que exercem profissões onde a visibilidade pode ser mais aceita, não há este tipo de preocupação. Esse comentário foi realizado por gays que tinham profissões menos qualificadas, que atuavam na área de higiene e beleza, de moda (como estilistas etc.)

ou como empregados domésticos. Como enfatiza Weeks (2000) a sexualidade é influenciada em sua construção e exercício por fatores sociais, financeiros, raciais, de gênero e culturais.

Alguns gays aludem ao fato de frequentar lugares GLS pode ser hoje considerado um sinal de modernidade, de pessoa de vanguarda, moderna, “up to date”, isso atenuaria a preocupação da exposição pela visibilidade. Essa argumentação não foi compartilhada por muitos dos entrevistados, que preferem não se arriscar em “locais abertos” exclusivamente gays.

Os que defendem a invisibilidade tem a tendência de optarem por frequentar os locais comerciais tidos como “friendly”, porém ainda com uma certa parcimônia. O medo da visibilidade pode ser contra-atacado na ida a lugares com tendência a frequência gay acompanhado de uma amiga, que pode passar como parceira. Como aponta Eribon (2008) o mito da visibilidade plena em diferentes contextos não se verifica hoje como nos anos pós Stonewall.

“Não acho muito interessante ir a lugares exclusivamente frequentados por gays. Eu tenho um parceiro fixo há alguns anos....sabe? A gente tem um grupo de amigos muito sólido... e a minha segunda família, sendo que com ela posso ser quem sou sem medos. Nos lugares gays não me sinto à vontade....lá tem muita azaração, ...o pessoal olha na cara dura....ainda que tenha percebido que eu e meu acompanhante somos namorados. Então evito, mas também porque não posso dar bandeira, tenho que ser muito discreto, pois ocupo um cargo de chefia na....., e não quero ser prejudicado, pois imagina a situação de encontrar um de meus funcionários nesses locais e ele espalhar na empresa. Acho engraçado..... pois essa suposta tolerância à homossexualidade ainda não chegou até muitas empresas...a minha é uma retrato dessa hipocrisia” (Colaborador n. 14).

“[...] essa coisa de ter medo de frequentar lugares gays não existe. Não preciso esconder de ninguém o que sou. Imagina nessa altura da vida! Minha família sabe de mim...., logo o resto pouco importa. É...é assim...no que eu trabalho ser gay, viado... não faz diferença. Sou cabeleireiro, é sua capacidade profissional é o que conta entende? Ninguém vai me mandar embora porque sou gay, mas mesmo assim não dou uma de bicha louca, fico na minha. Isso.... isso mesmo...não quer dizer que não possa comentar minha vida amorosa e sexual no local de trabalho....minhas transas, porém escolho as pessoas certas e também a hora..... [...] agora passar por hetero....ah isso nunca!. Todos sabem no salão que trabalho que sou gay, até mesmo a dona”. (Colaborador n. 21).

“Quando era mais jovem ia mais a lugares gays....agora prefiro programas com a turma de amigos. De vez em quando vamos a locais onde há uma frequência grande de gays, como restaurantes e lanchonetes. Podemos sair para dançar e divertir em algumas discotecas....mas sem intenção de procurar parceiros sexuais, mas se pintar melhor.... (risos). Sabe depois de certa idade você passa a não ser alvo do interesse para parceria ou sexual, no mundo da noite gay o que conta é beleza e juventude. Estou sozinho no momento, mas acredito que se pintar um namorado vai ser alguém que possa se conhecer em reuniões em casa de amigos íntimos. Numa ocasião alguém poderá levar um conhecido para nossos encontros.....e essa pessoa quem sabe não poderá se interessar por mim?” (Colaborador n.22)

3.4 – Relacionamentos estáveis tradicionais ou um novo “estilo de vida nas relações”?

Nossos entrevistados discutiram durante as entrevistas sobre o tema dos relacionamentos afetivo-sexuais em relação às suas construções e nível de satisfação experimentado. Dos trinta colaboradores vinte e sete já haviam experimentado o que chamaram de relacionamentos estáveis, que em suas interpretações variavam por volta de três ou mais anos. Essa estatística reverte nesses homens que se identificam como homossexuais a visão preconceituosa que esse grupo não tentaria desenvolver relações estáveis e que esses relacionamentos estariam fadados ao fracasso, e não haveria a tentativa de resolver as dificuldades que possam surgir em função de que só pensam em sexo, não se preocupam em constituir família ou em ter filhos, e acabam a vida solitários (MEYER; DEAN, 1998).

Apenas três dos entrevistados mostram descrença nessa possibilidade e nunca haviam se envolvido afetivamente com homens, tinham em toda a sua vida apenas sexo casual ou ainda o que um desses três identificou como “clientes” (que é manter um grupo de três pessoas com quem mantém relações sexuais uma vez ou outra, separadamente, sem maiores compromissos). Apesar de ser estatística reduzida (3/30), causa inquietação.

Pode-se observar pela análise das falas que esses três sujeitos apresentavam uma visão negativa sobre a possibilidade de vínculos afetivos entre homossexuais serem bem sucedidos, além de uma visão da impossibilidade de fidelidade desses relacionamentos, enquanto alguns que mantinham ou mantiveram relações estáveis optaram por flexibilizar a noção de fidelidade como veremos adiante. Há sinais claros que esses três colaboradores apresentam forte homofobia interiorizada, uma das maiores causas para a descrença e insucesso nos relacionamentos (NUNAN, 2007).

“Não faço essa linha de ficar me apaixonando por ai, não. Alguns amigos.....nossa! Passam um sufoco por alimentarem relacionamentos que sempre acabam mal. Gay é tudo igual....pode estar namorando, mas não consegue segurar a onda....cai matando. Não dá para confiar mesmo! E tem....isso ainda sabe? Essa coisa de família para gay não cola...., pois são os filhos que prendem uma casal quando o sexo já não é lá grande coisa. Ah carinho e afeto eu tenho dos amigos! Às vezes vejo que têm gays que exploram outros gays, se encostam....e vendem sua companhia. Melhor é não alimentar fantasias. Se o tesão pinta saio e pego um corpo, faço a que tem que ser feito e.....e me mando. Não quero envolvimento pois posso me frustrar. Com os gays não..não tem essa de romantismo” (Colaborador n.4)

Quanto à situação atual desses trinta colaboradores dezoito estão em relações estáveis, dentre esses dez moram juntos com seus parceiros, oito moram em casas separadas. Dos outros doze, nove deles já se envolveram em relações estáveis, mas no momento estão sem parceiros. Entre esses que estão sem parceiros persiste a queixa da discriminação que sofrem em função de apresentarem uma idade em que o mercado da conquista não os valoriza como interessantes. Argumentam que gays de

suas idades costumam buscar para relacionamentos parceiros mais jovens (o que também ocorre entre homens heterossexuais que buscam parceiras mais jovens). Entretanto, esse critério reinante também é assumido por muitos deles; havendo aqui um paradoxo.

É fato que esse padrão de homens mais velhos se relacionarem com rapazes mais jovens, é encontrado entre os helenistas de Oxford desde o século XIX, mas as transformações culturais viram a sociedade capitalista exortar a juventude e a beleza como ideais valorizadíssimos; e o culto a eterna juventude como muito importantes. Em função disso outros atributos no jogo da conquista e sedução talvez possam estar perdendo terreno, pelo menos num primeiro contato no caso dos homossexuais masculinos em nossa realidade.

“[...] o melhor é estar namorando....foi dessa forma que tive os melhores momentos de minha vida. Estou sozinho a uns três anos.....sabe? Não é opção.....tá difícil. Os gays da minha idade quando não estão comprometidos.....só querem a companhia de alguém bem mais jovem....e ainda valorizam um corpo sarado. É claro que existem homens mais jovens que se interessam por homens maduros...interesse na cultura, na experiência ou até na grana, mas isso não é a maioria” (Colaborador n.9)

Em relação ao nível de satisfação sexual os colaboradores que estavam em relações estáveis no momento da entrevista se mostraram mais satisfeitos sexualmente. O nível de intimidade e conhecimento mútuo era considerado fundamental para o aumento do prazer sexual. Argumentavam que a ligação amor e sexo é a ideal, para que as relações sexuais sejam mais satisfatórias.

Com base em Foucault (2006) poderíamos interpretar esse tipo de avaliação como influenciada por uma forma de “sujeição”, na tentativa de justificar como mais prazerosas as relações sexuais que implicassem na fusão amor-sexo, modelo imposto para administração da vida sexual dos casais, como regra para o “casamento” heterossexual, habilmente justificada, pelos “poder-saberes” na época do boom da industrialização dos países ocidentais, quando interesses econômicos era prioridade para as Nações, como ocorreu no Brasil (COSTA, 2004).

Fica implícito nessa interpretação que os gays entrevistados ao elaborarem tal avaliação não conseguem escapar da influência da “normalização conjugal heterossexual”. Cabe acrescentar que a palavra “casamento” para sinalizar relações estáveis é usada pelos gays, como metáfora para qualificar seus relacionamentos, apesar de resignificarem o sentido da palavra (PAIVA, 2007; MOSCHETA; SANTOS, 2006; MOSCHETA, 2004), No entanto, é notória, ainda no Brasil, que esse tipo utilização é aplicado dentro de uma lógica heterocêntrica (PAIVA, 2007).

“Eu tenho uma vida mais tranquila, pois,....eu estou casado....tem sete anos, mas não tenho registro de união estável.... ainda não. Eu e meu parceiro temos uma vida sexual muito satisfatória....nossas

transas são muito eróticas e criativas. Acho que encontrei nele... a grande união entre amor e sexo compreende? Isso...eu acho aumenta muito o prazer é um ideal que perseguimos.... Não, todos querem ter isso...é uma intimidade maior. É...também nossa vida sexual não é tão frequente...digo na quantidade de vezes, como era nos dois primeiros anos, mas não posso me queixar...Ele é a metade da minha laranja (Colaborador n.25).

Por outro lado, pode-se observar nessa pesquisa a maneira como gays administram relacionamentos estáveis, inventando novos “modos de relações”, que poderão surgir como ponto de apoio para a renovação do direito e das instituições, servindo até de prováveis sugestões para que heterossexuais pudessem também se beneficiar destas para escapar do jugo da normalidade conjugal e das limitações quanto aos tipos de relações legitimadas (FOUCAULT, 2006).

Um dos pontos desta invenção é a maneira como os que estiveram ou estão em ligações estáveis administram o conceito de “fidelidade” em substituição desta por “lealdade”. Entre os colaboradores uma parte (oito entrevistados) insiste na exigência de fidelidade e dois dentre eles chegaram a legitimar o bordão “o que os olhos não veem o coração não sente”. Fica também claro que essa invenção não foi legitimada por dois colaboradores que estavam em vínculos estáveis de duração não superior a dois anos.

Essa forma de “lealdade” defendida por muitos em substituição à “fidelidade” surge como uma espécie de acordo entre os parceiros em substituição a exigência de fidelidade absoluta. Este tipo de acordo não costuma ser estabelecido no começo do relacionamento, onde consideram que a paixão não comporta relações sexuais com outras pessoas. Relataram que em média esses acordos são estabelecidos por volta dos dois a três anos de relacionamento.

O motivo desse novo contrato é evitar que a vida sexual possa cair numa monotonia, após os primeiros anos de frequente atividade sexual. As regras implicam na aceitação de relações sexuais com outras pessoas desde que não existam vínculos afetivos anteriores ou pós-experiência sexual. Isso implica excluir amigos entre os candidatos a prováveis elegíveis, como membros da família de ambos.

Algumas regras eram firmadas nessa espécie de contrato, onde se tenta garantir que o contato sexual não implique em envolvimento afetivo. Entre elas destacamos: 1) não deixar de voltar para casa quando o contato sexual acontecer no período da noite, não se pode dormir fora de casa no caso de coabitação; quando moram em residências separadas ligar quando chegar em casa depois da transa; 2) de preferência não registrar números de telefones residenciais ou celulares, a não ser no caso em que possa acontecer uma aproximação permitida com a permissão do outro parceiro; 3) em caso de ser procurado novamente pela pessoa com quem transou evitar a tentativa de aproximação, só sendo possível nova contato sexual mediante anuência do parceiro; 4) não é aceito de bom grado sair de

forma obstinada a procura de pessoas para transar, isso deve acontecer ao acaso; 5) quando ocorrer contato sexuais em viagens por qualquer finalidade algumas dessas regras devem ser seguidas; 6) há exigência do usos de preservativos nessas transas fora da relação por todos.

Outra possibilidade que teve aceitação ainda maior entre os com relações estáveis foi “a transa a três” (*ménage a trois*). Esta foi apontada com uma forma melhor que a primeira de ser colocada em prática, mas também tem regras. Porém nem todas as parcerias se sentem a vontade para estabelecer regras principalmente quando surge, num primeiro momento, de maneira inesperada quando ainda não havia sido cogitada. Quase todas as regras citadas acima para a “transa” avulsa também servem para a parceria a três com outros acréscimos.

Entre elas foram citadas: 1) a escolha da terceira pessoa deve ser da aprovação de ambos; 2) não ficou muito clara a regra de não envolver amigos, mas muitos vetaram amigos muito próximos, entendidos com os que mantêm contatos frequentes com o casal, que foram nomeados como “amigos íntimos”; 3) exclusão de ex-namorados de ambas as partes.

É de se destacar que essas regras não foram citadas por todos que colocam em prática a relação sexual a três, e por outro lado, alguns colaboradores que já haviam se envolvidos ou estavam vivendo relações estáveis admitiram que correram riscos nos dois tipos de situações, quando um dos parceiros, inesperadamente, se apaixonou pela outra pessoa. Porém acreditam que a relação deve correr tais riscos, pois a motivação de homens para a variação sexual é grande (uma justificativa semelhante a que mulheres lançam mão para justificar as traições dos maridos).

Muitos alegam que esse tipo de liberdade pode melhorar a relação, ao invés de prejudicá-la quando outras áreas estão em plena sintonia e relativizam a questão da traição. Acreditam que é mais realista e leal admitir que o desejo sexual possa se manifestar por outras pessoas, sem que se interprete de que se isso acontece é porque a relação vai mal, em oposição aos que assumem a intransigência da fidelidade.

“Na relação que tenho hoje....onde já se vão mais de dez anos, temos uma amizade tão sólida, que a parte sexual não é o mais importante sabe? É claro que fazemos sexo, mas.....um sexo por fora, as vezes é bom para por uma pimentinha na relação (risos), [...] eu e o Maurício temos espaço para, de vez em quando, buscar uma transa com outras pessoas. Mas você não pensa não, que é liberou geral...a gente combinou algumas regras. Eu pra mim, a transa a três me agrada mais,....você fica na sensação que controla mais o comportamento do parceiro, prá que a coisa....não possa envolver o afeto...essa é regra principal” (Colaborador n.19).

“(...) as regras foram combinadas antes para as trepadas com outras pessoas. Amigos tão fora... e também familiares, isso é arriscado né? Pode dar.....não vai dar uma puta confusão. Essa necessidade de buscar transas fora da relação, apareceu quando...deixa eu ver..... . Ah o namoro

tinha mais de dois anos.....e não dá pra evitar esse desejo em homens..... [...] homem é tudo igual, sendo hetero ou gay. E quando pinta essa história do desejo por outro cara....temos que lidar com isso, pois isso pode acontecer em relações mais longa. Já aconteceu comigo em outro namoro.....aí eu terminei.... coisa errada tá. Porque senão aí você vai dar um pé na bunda do sujeito... que tem tanta coisa boa....e começar tudo de novo.....não isso eu não faço mais!. A porra da fidelidade que colocam na cabeça da gente é uma merda”(Colaborador n. 20).

“(...) a gente combinou tudo porque assim era mais fácil.....para poder não pintar paixão nas transas fora da relação. Sabe, não há garantia. Mas as regras ajudam por que a gente se gosta muito e não queremos acabar com a relação. Eu e ele não saímos desesperados pegando qualquer um, mas quando acontece temos um código secreto assim... aí ele me liga dizendo que vai chegar mais tarde em casa...mas não pode dormir fora de casa, e também nada de trocar telefones, combinar encontros para jantar ou almoçar depois da transa ter rolado....Ah isso não pode. [...] Você perguntou se fazemos transas a três? Ah sim....fazemos e temos dado preferência...elas também tem regras..... acho que a gente prefere esse tipo.....parece que o risco é menor da situação fugir do controle (Colaborador n.13).

Considerações finais

Alguns dados parciais dessa pesquisa foram aqui expostos na tentativa de desvelar como gays acima dos quarenta de idade elaboram seu “mapas afetivo-sexuais” (ou seus “roteiros sexuais”), oportunizando conhecer os fatores que se articulam para a construção e o exercício de suas vidas afetivo-sexuais. De posse da fundamentação teórica proposta pelo Construcionismo Social (FOUCAULT, 1988; VANCE, 1995; WEEKS, 2000, LOURO, 2004) pode-se evidenciar que construir-se como “sujeito sexual” está marcado pela forte influencia de fatores culturais.

Esses homens viveram a descoberta de sua sexualidade, onde havia pouca visibilidade para a homossexualidade, e os discursos conservadores ainda faziam dela, uma “diferença” difícil de ser assumida sem que alguma forma de homofobia veiculada pudesse ser interiorizada, onde medo, apreensão e dúvidas se misturavam à descoberta. Na construção de seus mapas afetivos-sexuais foram influenciados por uma sociedade que impõe a heteronormatividade, e tiveram dificuldades para poderem desejar quem quisessem e apesar da distância de séculos ainda mostraram estar em plena vigência a frase de Alfred Douglas, amante de Oscar Wilde ao usar a expressão “o amor que não ousa dizer seu nome” para referir-se ao que sentia por seu companheiro.

Os gays nessa pesquisa destacaram em suas histórias um alerta contra a crítica recente do que alguns rotulam negativamente como “gueto gay”, enfatizando a importância que os espaços de “socialização gay” tiveram para diminuir o sentimento solidão e isolamento e na contribuição aos frequentá-los na construção de uma faceta importante de suas identidades. Como chama atenção Eribon (2008) esses espaços de “socialização gay”, ainda permitem o que se combata um outro “gueto”, este

sim muito mais danoso para os homossexuais, que é não poder encontrar seus iguais para conhecer e saber de si, como consequência do aprisionamento do que nomeou como “gueto interior”.

A homofobia interiorizada não deixou de fazer suas vítimas entre esses homens. Por outro lado, remetendo-me a Foucault (1990, 2006), ainda oprimidos pelos discursos de poder-saber que lhes impunham um lugar de “não sujeitos”, resistiram e passaram a encontrar forças para lutar contra a discriminação, e nessa luta seguiram as palavras proféticas de Foucault ao inventarem novos “estilos de existência” para seus relacionamentos afetivo-sexuais.

Essa pesquisa abre o terreno para que possamos ter uma visão desse fenômeno na atualidade, ao ampliarmos sua investigação para faixas etárias mais jovens, que nos permitam desvelar como as transformações socioculturais repercutem na construção dos mapas afetivo-sexuais por esses homens que ousam impor o direito de desejar e amar a quem bem quiserem.

Referências

ADAM, B. D. **The birth and rise of a Gay and Lesbian Movement**. New York: Twayne, 1995.

ADELMAN, M. Stigma, gay lifestyles, and adjustment to aging: A study of later-life gay men and lesbians. **Journal of Homosexuality**, n. 20 (3-4), 1990, p. 7-32.

ALTMAN, D. **Homosexual oppression and liberation** (1971). Enlarged ed. London: Serpent’s Tail, 1993.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4ª ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BOSWELL, J. **Same-sex unions in premodern Europe**. New York: Villard Books, 1994.

BUTLER, J. P. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar** (1979). 5ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Editor José Nazar – Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, M. De l’*amitié* comme mode de vie. Entrevista de Michel Foucault a |R. De Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. **Gai Pied**, n.25, abril 1981, p. 38-39.

_____. **Estratégia, Poder-Saber**. Coleção Ditos & Escritos IV. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. Qu'est-ce que la critique ? **Bulletin de la société française**, t. LXXXIV, année 84, n. 2, p. 35-63, avr./juin. 1990.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo.** Série Pesquisa v 6. 2ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FRY, P. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FRY, P; MAcRAE, E. **O que é Homossexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo.** Ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GAGNON, J. H.; SIMON, W. **Sexual Conduct: the social sources of human sexuality.** Chicago: Aldine, 1973.

GIORGI, A. Hacia la investigación fenomenológica en psicología. **Revista Interamericana de Psicología.** n.6 (3-4), p.265-286, 1972.

GIORGI, A. **Phenomenology and Psychological Research.** Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.

GOFFMAN, E. **Estigma.** Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GREEN, J. N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

HALPERIN, D. M. **One hundred years of homosexuality: and other essays on Greek love.** Great Britain: Routledge, 1990.

HERDT, G.; BEELER, J.; RAWLS, T. W. Life course diversity among older lesbians and gay men. In: **Journal of Lesbian, Gay and Bisexual Identities**, n. 2, p.231-247, 1997.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho.** Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEYER, I. H.; DEAN, L. Internalized homophobia, intimacy, and sexual behavior among gay and bisexual men. In: HERECK, Gregory M. (ed.). **Stigma and sexual orientation: understanding prejudice against lesbians, gay men and bisexuals.** Califórnia: Sage Publications, 1998, p. 160-186.

MOSCHETA, M. dos S. **Construindo a diferença: a intimidade conjugal em casais de homens homossexuais.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo – USP, Ribeirão Preto, SP, 2004.

MOSCHETA, M. dos S.; SANTOS, M. A. dos. Metáforas da vida a dois: sentidos do relacionamento conjugal produzidos por um casal homoafetivo. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v.17, n.2, p. 217-231, jul./dez. 2006.

NUNAN, A. Influência do preconceito internalizado na conjugalidade homossexual masculina. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. (orgs.). **Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p.47-67.

PAIVA, A. C. S. Reserva e Invisibilidade: a construção da conjugalidade numa perspectiva micropolítica. In: GROSSI, M. P.; UZIEL, A. P.; MELLO, L. (orgs.). **Conjugualidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p.23-46.

PARKER, R. G. **Abaixo do Equador**. Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay (1999). Rio de Janeiro: Record, 2002.(30)

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. Dossiê Sexualidades Disparatadas. Campinas-SP, **Cadernos Pagu**, n.28. jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.b/pdf/cpa/n28.pdf>>. Acesso em 23 de junho de 2008.

SEDGWICK, E. K. **Between Men**. Male Homosocial Desire and English Literature (1985). 2º ed. New York: Columbia University Press, 1992.

SIMÕES, J. A. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (orgs.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p.415-447.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade (1996). 3ª ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VANCE, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. v 5, n.1, p.7-31, 1995.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.35-82.